O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO 1º CICLO NA GUINÉ-BISSAU: AUTONOMIA, LIBERDADE OU DEPENDÊNCIA DO ALUNO

Alzira Coelho[1]
Alexandre Antonio Timbane[2]

RESUMO

A Guiné-Bissau é um país lusófono sob ponto de vista da Política Linguística, mas na realidade, o guineense (O kriol) e as línguas africanas são as mais faladas pela grande maioria da população. O guineense apenas emprestou o léxico (na grande) maioria no português, as estruturas gramaticais são próprias e muito mais próximas das línguas africanas. Por isso, o ensino de português tem sido problemático e o grande vilão é a escrita. O português é uma língua importante, de acesso às tecnologias, às oportunidades e do contato com o mundo interno e externo, uma vez que o plurilinguismo é o normal. Nesta pesquisa pretende-se analisar como o ensino da escrita de português é ensinado, especificamente a distribuição dos conteúdos nos manuais escolares do ensino primário. Nesse contexto levanta-se o seguinte problema: se o ensino da escrita é fundamental na sociedade moderna, de que forma o ensino da escrita é tratado em manuais escolares da Guiné-Bissau? O presente artigo resulta de uma pesquisa bibliográfica que se baseia na análise de dois manuais do 1º ciclo do ensino primário da Guiné-Bissau. Da pesquisa se conclui que o conteúdo dos manuais analisados mistura as atividades da língua portuguesa e das atividades da escrita, o que confunde e complica aprendizagem da escrita. A escola se preocupa com a letra cursiva ao em vez de valorizar as atividades que visam o domínio da leitura e do reconhecimento da leitura e discriminação das formas das letras.

Palavras-chave: Guiné-Bissau; Ensino; Manuais Didáticos.

UNILAB, Malês, Discente, coelhoalzira19@gmail.com[1]
UNILAB, MALÊS, Docente, alexandre.timbane@unilab.edu.br[2]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau é um país que fica situado na Costa Ocidental da África e tem uma superfície de 36.125 km² e faz fronteira ao Norte com Senegal e ao Sul com Guiné-Conacri. Uma das heranças coloniais na Guiné-Bissau foi a adoção da língua portuguesa como a língua oficial do país. Contudo a língua crioula tem o maior número de falante constituído aproximadamente por 95% da população. A Guiné-Bissau é um país de mosaico cultural tendo em conta a existência de várias línguas por causa dos grupos étnicos que a compõem. O ensino débil da língua portuguesa nas escolas guineense desemboca no insucesso escolar por parte dos alunos porque o método do ensino da língua portuguesa nas escolas é de uma forma superficial, isto é, consiste na transcrição dos conteúdos por parte dos professores e os alunos copiam para o caderno e memorizando sem que haja interação entre o professor e o aluno, e isso acaba sendo prejudicial pôr a língua portuguesa não pertencer o seu cotidiano. Existe um nível alto preconceito linguístico no seio da sociedade guineense em termo da língua portuguesa, foi criada uma ideia do que a melhor pronúncia é de Portugal sem levar em conta a variação do tempo e espaço da língua, e consequentemente esta situação acaba deixando a pessoa tímida mesmo sabendo de um assunto, prefere não se opinar com medo de errar para depois este erro ser motivo de piada por parte dos colegas da turma.

Sabe-se que o ensino primário do 1º ciclo é muito importante porque é onde se aprende as primeiras leituras e as primeiras escritas. É um momento importante porque é onde o aluno entra em contato com a ortografia. A consolidação destes conhecimentos ajuda muito no sucesso nas próximas fases de aprendizagem (ensino médio e superior). A pesquisa se justifica pelo fato de o português ser uma língua importante para o progresso acadêmico dos guineenses. Todas as disciplinas curriculares são dadas em português. O fraco conhecimento do português (modalidade oral e escrita) pode prejudicar de certa forma o sucesso das restantes disciplinas curriculares.

Os manuais escolares são fundamentais para o contato entre o aluno e a língua portuguesa. Escrever não é tarefa fácil. Exige do professor uma metodologia adequada e um domínio não apenas do conteúdo, mas também compreender a realidade do aluno. A pedagogia culturalmente sensível discutido do Bortono-Ricardo (2006) e a pedagogia da autonomia (1996) de Paulo Freire ou ainda Educação como prática da liberdade (2008) ajudariam em grande medida para que estes alunos tenham sucesso nos seus estudos. É importante observar se os materiais nos encaminham para uma autonomia e liberdade do aluno ou nos encaminham para uma permanente dependência.

Desta forma, “a escola ensina a escrever sem ensinar o que é escrever (...) quer dizer, os métodos de alfabetização ensinam a escrever pela escrita cursiva, chegando a proibir a escrita de forma” (CAGLIARI, 2009, p.83). Entendamos que a letra cursiva serve pouco nos dias atuais. No século XXI, as pessoas escrevem mais no telefone e no computador e raramente escrevem a caneta. Escrever com caligrafia bonita é uma arte e o aluno não pode ser reprovado por causa disso. A letra cursiva é uma “engenharia”, uma “tecnologia” que não pode ser dominada por todos. Parta uma criança da de seus anos, a frase: “os meninos brincam bem” é de difícil leitura. A criança pode confundir o “o” com “a”, entre “me” pode parecer que tem “u”. Por isso mesmo, Cagliari (2009) e Soares (2018) afirmam que a escrita cursiva é fundamental na nossa cultura, mas seria mais fácil a escrita e leitura com a letra maiúscula não cursiva e só depois poderia se atentar a letra cursiva. Os teclados de telefones, smartphones, de tablets de computadores não possuem a letra cursiva. Possuem a letra de forma e por qual razão reprovamos os alunos pela falta de arte na letra cursiva. Os exemplos dos teclados deixam clara ideia do que é essencial na escrita.

Desta forma precisamos refletir o que vale mais aprender, o que facilita e permite a realização de atividades de leitura e de escrita com sucesso. Hoje, pegamos a caneta para assinar documentos. Todos os documentos

ISSN: 2447-6161

são digitalizados. Com o advento das tecnologias reduziu-se em grande medida o uso da caneta e papel para essencialmente fazer anotações ou assinar. A assinatura também está ameaçada, pois existe assinatura digital que vem substituí-la. Ensinar as letras de forma e maiúsculas nos parece mais exato e essencial, pois o aluno conhecerá o valor de cada letra isoladamente, dentro da silaba, da palavra e da frase. As belezas dos caracteres ficam essencialmente para a digitação tecnológica.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico uma vez que se baseia nas leituras e análises das bibliografias especializadas sobre o tema. E o próprio analise dos livros didáticos da língua portuguesa (1° e 2° ano do ensino primário).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os materiais didáticos da 1ª e 2ª classes não têm nada a ver com a realidade social dessas crianças porque os conteúdos apresentados são de uma língua que não faz parte do cotidiano das crianças e isso acaba afetando a proficiência deles. Ensinar a escrita em língua portuguesa deve ser de uma forma gradativa porque não escrevemos o que falamos, a escrita é uma invenção, ou seja, ela é artificial. A figura 1 mostra um exercício da página 3, do livro "Língua portuguesa 1° ano". O livro reforça a ideia de que a escrita não representa a fala, porque um som recebe um ou vários códigos, a depender da ortografia. Neste exercício é muita informação para quem está tendo contato com a escrita pela primeira vez. A criança já entra na escola sendo ensinada as letras cursiva, maiúscula, minúscula e de forma. Averiguamos que o melhor seria que deva ser ensinada uma forma de letra de cada vez em diferente contexto e não de uma única vez para facilitar melhor a compreensão, visibilidade e contorno das letras.

Seria importante que os alunos aprendessem a língua portuguesa antes de escrever. Sabemos que a escrita é mais recente que a fala. As atividades propostas no exercício da fig.1 não tem nada a ver com a língua portuguesa, mas sim com a escrita que é uma modalidade de língua.
Avaliamos também que nos manuais do 1°ciclo em cada capítulo que vão tratar de uma letra, o livro traz o som que representa a letra tratado e isso é muito positivo, quer dizer, ajuda a criança a diferenciar a letra, grafia da letra e som e daquela letra. Uma outra positividade que encontramos ao longo da nossa análise é a representação dos conceitos e imagem acústica que os manuais trazem nos seus conteúdos como veremos na figura abaixo.

Esse tipo de conteúdo é muito importante nas fases iniciais das crianças e ajuda a criar a ideia do objeto e as letrinhas que formam esses conceitos e despertam a consciência silábica nelas tornando-as capazes de identificar as partes de uma palavra. Vejamos na figura 5 que as palavras árvore, barco e garfo com os seus significados e significantes e depois a consciência silábica dessas palavras mostrando para a criança em quantas sílabas está composta a palavra árvore, barco e garfo. Com essas atividades propostas nos manuais ajudam as crianças a ter a consciência de que existe a possibilidade de separar as palavras ou isolar sons dentro das sílabas.
As orientações das atividades nesse livro por vezes não são claras como se pode observar na figura 5. Para um aluno de 6 anos fica difícil compreender as orientações da atividade. Mesmo o professor pode ter dificuldade na explicação desta atividade, porque a orientação pede para que o aluno prepare novas palavras

ISSN: 2447-6161

do texto, mas não explica com clareza quais as características destas palavras. Para a clareza da pergunta poderia se dizer “procure palavras no texto que tem a sequência ar”. Ha muitas atividades num só exercício fato que pode complicar o aluno. Por exemplo, na figura 5 se propõe quatro atividades num mesmo exercício: “preparar novas palavras no texto” “ler as palavras” “explicar as palavras” e “formar frases”.

CONCLUSÕES

O que foi constatado na nossa pesquisa é que existe precariedade nos manuais didáticos que é uma responsabilidade das entidades responsáveis (Ministério da Educação), porém é nítido também o não esforço por parte da escola. O conteúdo do manual analisados mostra muito mais a preocupação por parte dos professores e escola sobre o formato da letra cursiva dos alunos do que o significado que a letra carrega. Logo nas primeiras atividades as crianças foram impostas a escrever a letra cursiva, como vimos durante apresentação do trabalho que a criança que tentou resolver as atividades acaba não conseguindo fazer porque ela ainda está tentando familiarizar com as ferramentas (a forma de manusear o lápis, a posição correta em que deve se escrever, a forma de posicionar o livro), é a primeira vez que ela está ali associando e aprendendo sobre a escrita, então a tendência é para ser um processo demorado.

Da pesquisa se conclui que o conteúdo dos manuais analisados mistura as atividades da língua portuguesa e das atividades da escrita, o que confunde e complica aprendizagem da escrita. As instruções em cada atividade não são claras, o que dificulta não apenas o trabalho do professor, mas também dos alunos. A escola se preocupa com a letra cursiva ao em vez de valorizar as atividades que visam o domínio da leitura e do reconhecimento da leitura e discriminação das formas das letras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os envolvidos ao longo da realização deste trabalho. Meus especiais agradecimento vão para: a PIBIC/CNPq pela bolsa concedida no qual foi possível a realização desse trabalho; ao meu orientador prof. Doutor Alexandre António Timbane pela sabia orientação.

REFERÊNCIAS

BORTONI_RICARDO, Stella. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola 2009.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e linguística. São Paulo: Scipione, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

SOARES, Magda. Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2018.

ISSN: 2447-6161